



Luiz Firmino Pereira

Pesquisador do FGV CERI

É preciso soprar estratégia

“Estratégia” vem do grego *strategia*: plano, método, conjunto de manobras para alcançar um objetivo. No campo da energia, pensar estrategicamente significa alinhar compromissos de descarbonização com instrumentos que antecipem gargalos e orientem investimentos. É exatamente esse o papel da Avaliação Ambiental Estratégica (AAE).

O país já construiu uma trajetória reconhecida no G20: liderança em renováveis com hidrelétricas, avanço de eólicas e solares. Mas a descarbonização profunda exige um portfólio mais diversificado. Nesse horizonte, a percepção internacional é clara: o Brasil tem vantagens comparativas em hidrogênio de baixo carbono e eólicas *offshore*. Não à toa, governo e Congresso aprovaram recentemente marcos legais específicos para essas fontes.

O entusiasmo se reflete nos números: 104 pedidos de poligonais *offshore* já foram apresentados ao Ibama, somando um potencial de 247 GW — equivalente a toda a capacidade instalada do país hoje. Energia suficiente para produzir hidrogênio verde em larga escala, abastecer *data centers* ou sustentar parte da eletrificação da frota veicular.

Mas, ao mesmo tempo em que os números e condições apontados

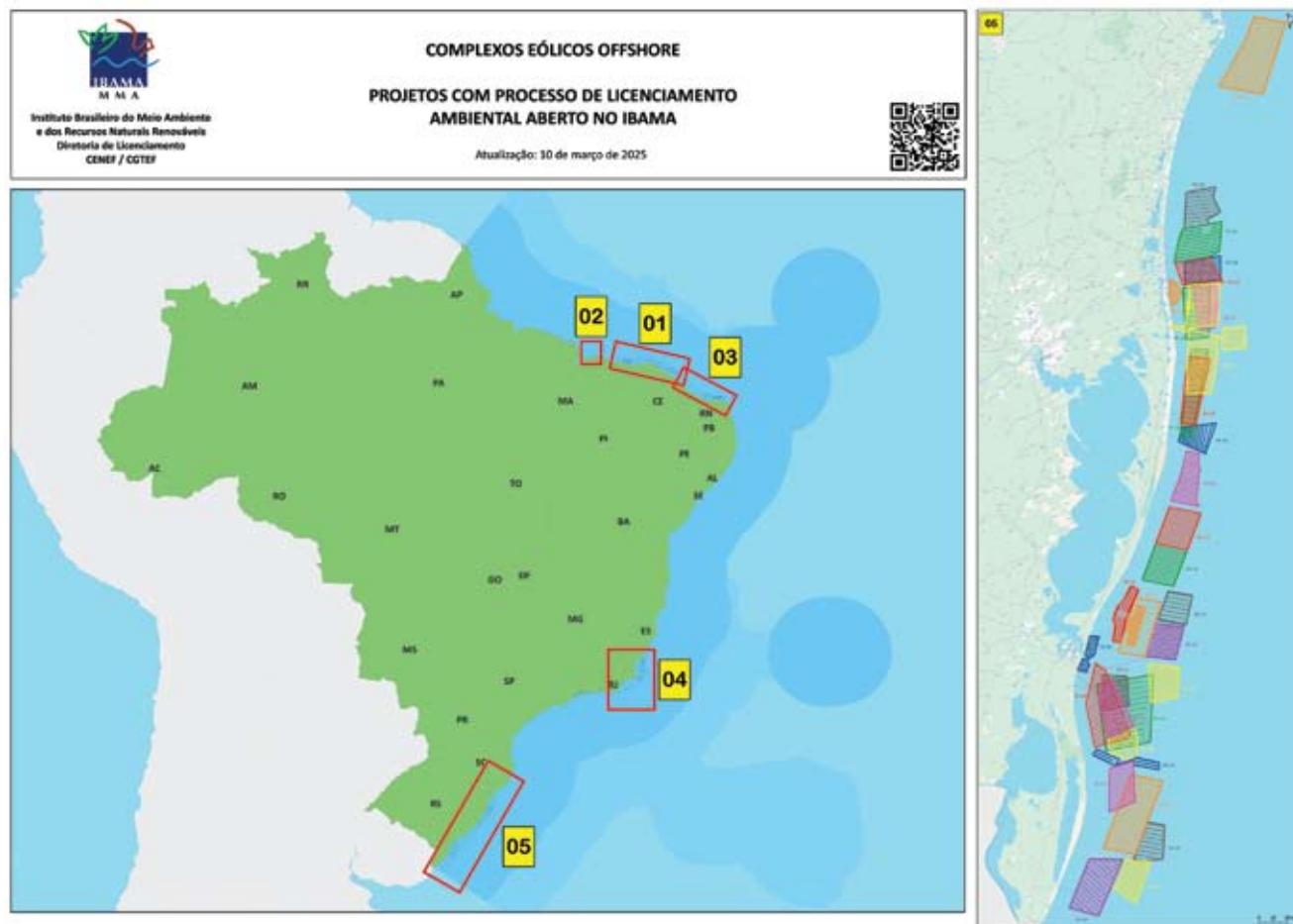
citados saltam aos olhos e nos colocam em uma condição ímpar no mundo para a nova era de energia verde, um mergulho um pouco mais atento às condições socioambientais e mesmo geográficas do nosso litoral, que considere toda a cadeia de produção envolvida, deixa claro que os polígonos cuidadosamente já delineados na costa brasileira não saltarão da prancheta para a realidade na quantidade e forma imaginadas. Um bom exemplo disso pode ser visto em sobreposições ou proximidades a áreas protegidas, áreas sensíveis à pesca, à navegação e mesmo a distância ou condições para implantação da cadeia de suprimento. Soma-se a isso o desafio de casar produção e consumo: hoje já enfrentamos excedentes de renováveis em certos horários, obrigando cortes de geração (*curtailment*).

Os problemas emergirão no licenciamento ambiental. A legislação prevê Avaliações de Impacto Ambiental (AIA) e consultas a comunidades costeiras. São passos importantes, mas insuficientes. A AIA foca principalmente no projeto individual e no que já existe. A AAE, ao contrário, pode e deve olhar para o conjunto, presente e futuro: sinergias, cumulatividade de impactos, capacidade de suporte do



Pedidos de registro de poligonais foram apresentados ao Ibama*

(destaque para a área 5)



*Disponível em: <https://go.fgv.br/u2HHLUgdCqN>.

território e compatibilidade com políticas, planos e programas (PPPs).

Experiências internacionais e nacionais — como no setor de petróleo e gás — mostram que a AAE antecipa conflitos, simplifica o licenciamento e traz previsibilidade. Mais que técnica, é instrumento de governança. Um processo estruturado de AAE para eólicas *offshore* permitiria avaliar, em escala sistêmica, não apenas impactos ambientais de forma integrada como, por exemplo, o alinhamento com a futura demanda por hidrogênio verde. Segundo a

Clean Energy Latin America, já são 111 projetos mapeados em 15 estados, demandando 90 GW.

Ao analisar de forma horizontal os PPPs relacionados, a AAE fornece clareza para planejamento de investimentos, segurança jurídica para investidores e conforto regulatório para órgãos licenciadores.

A tese de doutorado em Planejamento Energético de Jaqueline Barbosa Mariano defendida junto à Coppe-UFRJ, embora focada no setor de petróleo e gás natural, chegou a conclusões importantes, como a de-

finição de que as áreas ofertadas em licitações devam ser precedidas por AAEs, pois esse é o instrumento mais adequado para inserir a variável ambiental no planejamento energético.

O Brasil precisa dar esse próximo passo. Sem estratégia, o risco é termos marcos legais avançados, mas projetos paralisados. Com AAE, podemos transformar o potencial em realidade sustentável, competitiva e alinhada às expectativas globais. É preciso soprar estratégia para que os ventos do nosso litoral movam, de fato, a transição energética. ▼